

Título: Da Pedagogia Fundamental Patriciana à Escola Cultural

Autor: José Carlos de Oliveira Casulo (Universidade do Minho)

Introdução

Quando, no futuro, alguém se vier a debruçar sobre a História do Pensamento Pedagógico em Portugal por alturas do tempo que medeia entre os dias que correm e as três a quatro últimas décadas do século XX, não terá dificuldade em perceber que, nesse lapso de tempo, o nome de Manuel Ferreira Patrício não só é incontornável como, necessariamente, destacável dos demais.

Profundo e subtil e, por sobre isto, eloquente, o pensamento do reitor eborense espraia-se em múltiplas temáticas, mas converge, sempre, para um centro, dinamismo e preocupação cimeira: a educação, ou, seguramente melhor, a Pedagogia, quer nos seus aspectos mais práticos, quer nas suas dimensões mais estruturantes e fundamentadoras. De sorte que ao analista não falta matéria sobre a qual se interessar para estudar o pensamento de Manuel Patrício. Porém, ao analista convidado a encerrar o resultado escrito do seu estudo num determinado número de páginas de um Livro de Homenagem, já o empece o ter que se decidir sobre qual o ângulo do pensar do homenageado a investigar. Para o analista a quem a Amizade o liga ao autor do pensamento analisado, coloca-se o obstáculo maior de tomar uma opção que, para além de responder às exigências dos promotores da obra homenageadora, também agrade ao homenageado como presente de Amigo em circunstância jubilar.

Ora, se no centro do pensamento patriciano está a Pedagogia, no centro deste centro está, a nosso ver, a Escola. E a vida de Manuel Ferreira Patrício tem sido, sem dúvida, de modo excelente e dedicado, o trabalho em prol da Escola em Portugal em esforço de acção a tornar real o projecto pensado. Acção em inúmeras facetas, evidenciadoras, aliás, da riqueza espiritual criativa do nosso pedagogo, mas com uma expressão particular no movimento da Escola Cultural e na associação – a Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural (AEPEC)- que o promove e

defende. À concepção de Escola Cultural, porém, subjaz a visão axiológico-educacional de matriz patriciana. Será, então, a dar sucinta conta de uma perspectiva possível de compreender tal visão que dedicaremos as páginas que se seguem, começando por apresentar a hermenêutica do autor relativamente à relação de conjugalidade entre a educação e os valores, passando, depois, a explorar a sua defesa de uma pedagogia integralmente axiológica (a pedagogia cultural personalista) e terminando com a sua demonstração da substancialidade axiológica da Escola Cultural.

1. Educação, valores e anti-valores

1.1. Substância axiológica da educação

No primeiro congresso da AEPEC, Manuel Patrício proferiu a conferência plenária “Educação, valores e vocações”, não só para, com ela, tratar um dos cinco temas estruturantes do congresso, mas também para, mais uma vez, chamar “... a atenção para a questão dos valores como algo que se situava no modelo de educação e escola que propunha...”¹. Assim, pois, neste texto, o nosso autor desenvolveu uma reflexão hermenêutica que, partindo da evidenciação da íntima conexão entre educação e valores, sob os pontos de vista antropológico e histórico-cultural, percorreu diversas teorias axiológicas nas respectivas vertentes pedagógicas, não escamoteando a questão dos anti-valores, e o levou a definir, por fim, a sua postura em defesa de uma pedagogia cultural personalista. Vejamos, para já, a questão da substancialidade axiológica da educação.

A tese que Manuel Patrício sustenta sobre a ligação entre educação e valores é radical. Como ele próprio nos diz, não entende “... apenas que não há educação sem referência aos valores...”², mas defende “... que os valores são substanciais à educação, ou seja, que os valores integram a própria substância da educação...”³.

¹ Cfr. Patrício, Manuel Ferreira, “Educação, valores e vocações”, em AA.VV., *Educação Pluridimensional e Escola Cultural: Actas do I Congresso da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural*, AEPEC, s/l [Évora], 1991.

² *Ibidem*, p. 67.

³ *Ib.*.

Patrício faz assentar esta tese num raciocínio que desenvolve em três passos. *Primo*: a educação, kantianamente o lembra, é algo próprio do Homem; só o Homem é que, na justeza do termo, se educa –“Não se educa uma planta ou um animal. O único ser vivo educável e sobre o qual se trabalha educativamente é o homem.”⁴. *Secundus*: no processo educacional o ser humano persegue um modelo de si mesmo que, não sendo aquele que num dado momento o caracteriza, é aquele que, pelo acto educacional, ele pretende alcançar e encarnar –“O homem é o único ser que conhecemos que se trabalha a si mesmo sobre uma ideia de si mesmo para realizar em si essa ideia.”⁵. Logo, e *tertius*: o Homem valoriza, dá valor, ao modelo que norteia a sua educação, dá valor a esse projecto de si mesmo no futuro para o qual o encaminha o presente educacional, dá um valor a si mesmo que só pela educação se concretizará. A educação, portanto, como coisa exclusivamente humana que é, só o é porque o Homem valoriza o Homem em que, através dela, educação, se quer converter –“O homem, é, pois, para si mesmo um valor. É o valor que reconhece ser que ele quer realizar com a educação.”⁶

Deste raciocínio, Patrício extrai uma clara e natural ilação: “A educação é valiosa porque é o meio de realizar o homem como valor.”⁷. De modo análogo conclui quanto à tradição histórica ocidental. Já na antiguidade greco-romana, posteriormente caldeada pela influência judaico-cristã, já na modernidade ou na pós-modernidade, o reitor eborense encontra, continuamente, essa relação entre educação e valores. Nela, História Cultural Ocidental, deparamo-nos, segundo Patrício, com “... a educação e os valores (...) [a] sempre viverem associados...”⁸.

1.2. Pedagogias dos valores e pedagogias dos anti-valores

É ainda como porfia subsidiária para demonstrar “... a relação íntima que existe entre a axiologia e a educação...”⁹ que o nosso autor faz uma incursão em distintas orientações da Pedagogia dos Valores, começando pela Pedagogia Cultural dos Valores, escola de pensamento que, precisamente, sublinha a substancialidade cultural da educação. Deste modo, admitindo a cultura como “... a própria substância ou medula do

⁴ Ib..

⁵ Ib..

⁶ Ib..

⁷ Ib..

⁸ Ib., p. 74.

⁹ Ib., p. 82.

processo educativo...”¹⁰, a Pedagogia Cultural dos Valores, faz notar Patrício, toma como fim último dar a cada homem, pela educação, a posse dos elementos literário, científico, filosófico e outros da cultura em transmissão, assim levando os educandos não só a alcançarem a “...compreensão, fruição e vivência...”¹¹ dos valores culturais, mas também a os concretizarem “... através da criação de obras valiosas e da efectuação de actos valiosos...”¹².

Abordada a Pedagogia Cultural dos Valores, passa o nosso autor a dar-nos conta da relação entre educação e valores na Pedagogia dos Valores do Espírito, o que faz recorrendo à Pedagogia Orgânica de Otto Willmann (1839-1920). Lembra Patrício que, neste caso como no anterior, é feita a afirmação da substancialidade cultural da educação, agora esgrimida por Willmann para colocar no topo do edifício cultural os bens espirituais e, no núcleo destes, a Fé. Educar, então, para a Pedagogia dos Valores do Espírito de Otto Willmann, será “... transmitir à nova geração o (...) legado cultural, cujo núcleo mais valioso é constituído pelos bens espirituais...”¹³.

O reitor eborense refere-se, ainda, à Educação Nova, cujas opções axiológicas enaltece, ao ponto de admitir que os grandes valores caracterizadores deste movimento, a saber, “... liberdade e autonomia; actividade auto-determinada; individualidade e personalização...”¹⁴, são estruturantes no projecto da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural, tudo isto não sem que lamente a tendência mais psicologista que axiológica da Educação Nova:

Eu creio que algumas das mais importantes raízes do movimento da educação pluridimensional e da escola cultural se encontram nova e que é preciso reconhecê-lo e dilucidá-lo. Creio também, todavia, que estamos hoje em condições de ir bastante mais longe (...). A natureza radicalmente axiológica da pessoa, da educação e da cultura não foi realmente reconhecida, nem afirmada, nem praticada pelo movimento da educação nova que, com o seu olhar fascinado pela criança, se deixou aprisionar no horizonte limitado de uma pedagogia psicológica, em vez de se

¹⁰ Ib., p. 83.

¹¹ Ib..

¹² Ib..

¹³ Ib., p. 84.

¹⁴ Ib., p. 85.

mover na vastidão e profundidade de uma pedagogia axiológica.¹⁵

Pedagogia Cultural dos Valores, Pedagogia dos Valores do Espírito e Educação Nova, está última com os limites assinalados, são, em nossa opinião, para além da que ele próprio professa e que adiante trataremos, as expressões da Pedagogia dos Valores que Manuel Patrício primordialmente elege como paradigmas do indelével conúbio entre a educação e os valores. Para além destes, o nosso autor evoca outros, os quais, por certo, valoriza, mas, na nossa humil opinião, não tão subidamente: Pedagogia da Educação pela Arte, Pedagogia da Clarificação dos Valores Morais, Pedagogia do Desenvolvimento do Raciocínio Moral, Pedagogia Crítica¹⁶.

Mas Patrício evoca, também, as Pedagogias dos Anti-valores, taxonomizando-as em três grupos: totalitárias, niilistas e neutralistas. Nas primeiras, as totalitárias, inclui o nosso pensador todas aquelas que

...decorrem de uma filosofia do homem, da sociedade, da política e da pessoa que afirma o primado principal do Estado sobre o cidadão e o indivíduo, do todo sobre os elementos componentes do todo, eliminando assim a liberdade como princípio e como prática (...) no quadro mais amplo de negação do valor da pessoa como sujeito autónomo e livre de actos e discursos...¹⁷

As pedagogias totalitárias estiolam a liberdade e a dignidade humanas, reduzem o ser humano a um objecto, frisa Patrício logo após ter enumerado aquelas que considera serem as grandes manifestações pedagógico-totalitárias: o biologismo racista, o nacionalismo corporativista, o colectivismo, o fundamentalismo religioso, o tecnocratismo e o cientismo.

Às pedagogias niilistas, que exemplifica com o caso nietzschiano, define-as o filósofo transtagano como sendo as que se estribam

¹⁵ Ib., p. 86.

¹⁶ Cfr. ib., pp. 87 a 92.

¹⁷ Ib., p. 95.

... no conceito do nada, [aquelas em que] nenhum valor tem valor, [em que] a pessoa humana não tem valor, [em que] o próprio todo –seja qual for a sua definição- não tem valor, [em que] a procura do valor pelo homem desemboca invariavelmente no nada, [em que] a procura de sentido desemboca invariavelmente no absurdo, que é o nada do sentido...¹⁸

Por fim, o nosso autor explicita do seguinte modo a sua ideia de pedagogias neutralistas:

Também as pedagogias neutralistas são, no fundo, pedagogias dos anti-valores. Entendo por pedagogias neutralistas aquelas que põem, ou propõem que se ponha, a questão dos valores entre parênteses na educação. Aham possível, por conseguinte, que se realize a educação sem valores.¹⁹

A este terceiro grupo de pedagogias dos anti-valores, o professor universitário eborense faz pertencer as pedagogias permissivistas, bem como todas aquelas pedagogias que, sob a capa de um errado entendimento do valor da tolerância, pugnam, isso sim, pela demissão do ser humano face aos seus valores e compromissos apenas porque outros professam diferentes ideias. Trata-se, por conseguinte, de pedagogias que confundem entre a assumpção e vivência pessoais de uma dada escala de valores e a imposição dessa mesma escala a terceiros. Eloquentemente, assim elucida Patrício esta questão:

Assumir os valores não é, obviamente, impô-los. É vivê-los. O que se deve exigir ao outro é que assuma os seus e os viva. Nisto consiste a tolerância: a tolerância real, que é tolerância activa e não passiva. As pedagogias neutralistas (...), mesmo

¹⁸ *Ib.*, pp. 95-96.

¹⁹ *Ib.*, p. 96.

quando pretendem ser pedagogias da tolerância, são-no da tolerância passiva.²⁰

2. A Pedagogia Cultural Personalista

2.1. Conceitos patricianos de pessoa e de cultura

A Pedagogia Cultural Personalista é a pedagogia que o nosso autor professa, por a considerar a pedagogia que é integralmente axiológica. Para a entendermos, não podemos deixar de trazer a texto o que Patrício tem em mente quando fala de cultura e de pessoa.

À ideia de pessoa, confere o pensador alentejano um fundamento axio-teológico de forma judaico-cristã. A pessoa humana é o Homem criador à semelhança da representação bíblico-genesíaca de Deus: “...à acção criadora e axiológica de Deus há-de corresponder no homem idêntica imagem. Também o homem há-de ser, segundo o Génesis, criador e avaliador de tudo: do que lhe foi dado e do que ele mesmo faz.”²¹. O Homem ser-concreto, ou em situação concreta, entenda-se. O ser humano concreto, real, cada ser humano, por Deus criado e à Sua semelhança, criador, eis a pessoa para Manuel Ferreira Patrício:

A este homem real chamarei a pessoa humana: que é genérica e que é individual e única; que é, portanto, solidária de todas as pessoas humanas.

Aquele homem que julga axiologicamente, quer fruindo, quer criando –é, pois, a pessoa humana.²²

E é também na ideia do Homem como ser criador, à semelhança de Deus, que o filósofo eborense faz radicar o conceito de cultura. Esta é, para ele, tudo quanto o Homem cria, é tudo o que a criatividade humana produz, é tudo aquilo que o Homem

²⁰ Ib., p. 97.

²¹ Ib., p. 92.

²² Ib., p. 93.

leva mais longe a Mãe Natureza, tudo aquilo em que a ultrapassa: “... cultura é o que o homem acrescenta à natureza (...) é o que o homem cria...”²³.

Partindo destes dois conceitos –cultura e pessoa-, Patrício explica o que entende por Pedagogia Cultural Personalista:

Por assumir inteira e explicitamente a cultura como obra do homem (...) considero adequado qualificar esta pedagogia de «cultural». Por definir o homem concreto, individual e único (...) – por defini-lo, portanto, como pessoa, considero adequado qualificar esta pedagogia de «personalista».²⁴.

2.2. A Pessoa contra o neutralismo, o totalitarismo e o niilismo

Em nosso entender, a concepção patriciana de pessoa será mais cabalmente compreendida se avançarmos uma interpretação do pensamento do nosso autor em que ela, a pessoa humana, seja encarada como um obstáculo aos anti-valores pedagógicos do totalitarismo, do niilismo e do neutralismo, uma interpretação que demonstre que, em Manuel Patrício, a afirmação da Pessoa derrota e supera o totalitarismo, o niilismo e o neutralismo.

Começemos, então, desde logo, por considerar que para o nosso pensador, o Homem, porque está ônticamente vocacionado a ser pessoa –“...há em cada um de nós uma imensa aspiração a ser quem é, a ser o destino que sente dentro de si para ser...”²⁵– não pode, sob pena de protagonizar uma aberração, tanto lógica como existencial, negar esta sua estrutura ôntica que o chama a tornar-se sujeito realizador de si mesmo, a considerar-se a si mesmo, portanto, como ser valioso. Este fazer-se pessoa é valor maior, ou melhor, valor fundamental e necessário, perante o qual nenhuma neutralidade é possível: ou se é pessoa ou não se é pessoa. Negar o chamamento, a vocação a ser pessoa é, para o Homem, negar a sua humanidade: “... a vontade profunda que mobiliza, organiza e comanda toda a energia psíquica da pessoa é a vontade de ser: a

²³ Ib..

²⁴ Ib., p. 94.

²⁵ Ib., p. 102.

vontade de ser pessoa única que é...”²⁶. Ora, negar a vocação pessoal não é ser axiologicamente neutro: é ser axiologicamente contra a pessoa. Nenhuma putativa tolerância arauta do neutralismo resiste ao valor encerrado na vocação para ser pessoa. Pode-se negar esse chamamento, assim negando activamente o valor da pessoa, mas não se pode pseudo-tolerar, ou tolerar passivamente, o valor da pessoa.

A pessoa humana, defende o nosso pensador, é dotada de singularidade. Quer isto dizer que cada ser humano responde de forma única, inconfundível, à sua vocação pessoal, construindo um universo axiológico porventura semelhante, ou próximo, mas nunca idêntico a nenhum outro. Por conseguinte, cada homem constrói o seu ser pessoal ao seu próprio e único modo, de modo diferente ao de todos os outros. Daqui que ser pessoa, para Patrício, implique, necessariamente, ser-se autónomo e livre:

É preciso ainda relacionar a pessoa com a autonomia e a liberdade. A autonomia e a liberdade são propriedades constitutivas do ser da pessoa. Ser autónomo é decidir-se pela sua constituição axiológica, pelo quadro de valores em que se inscrevem os seus actos, as suas escolhas, livres. Ser livre é escolher dentro desse quadro, dessa constituição.²⁷

Estando a diversidade e a autonomia/liberdade no âmago da pessoa humana, esta, então é a negação do anti-valor pedagógico do totalitarismo. Por si só, ser pessoa é ser autónomo e livre. Atenta contra a pessoa quem a quiser coarctar, minando-a na sua singularidade pela sua submissão a padrões únicos e generalistas. Pode o totalitarismo, com efeito, perseguir ou impor restrições à autonomia e à liberdade pessoais. Não poderá, nunca, destruir aquela dignidade da pessoa que lhe advêm do poder de criar à semelhança de Deus –no limite, de criar a capacidade de resistência, mesmo que unicamente no silêncio da consciência, de criar a esperança no futuro, até mesmo de criar, no mais recôndito canto do seu espírito, um ambiente fictício de que só a morte a desalojará. A vitória, pois, mesmo que não perceptível a olhos meramente mortais, é, finalmente, da singularidade da pessoa contra o totalitarismo. Da singularidade da pessoa, note-se, não do indivíduo, como nos relembra Manuel Patrício:

²⁶ *Ib.*, p. 104.

²⁷ Cfr. *idem*, “A Escola Cultural. Uma resposta à tensão globalização-diversidade”, em *idem* (org.), *Globalização e Diversidade: a Escola Cultural, uma resposta*, Porto Editora, Porto, 2002, p. 82.

Afirmar a unicidade de cada homem não é, com efeito, afirmar a validade da posição individualista. Se nada houvesse de comum entre os homens, se eles fossem separados uns dos outros por um abismo ontológico, nenhuma comparação entre dois homens era possível. O individualismo é essa afirmação da separação radical entre os homens, é essa absolutização do indivíduo humano, é o egoísmo absoluto da unicidade humana(...). A (...) pessoa humana (...) é, (...) solidária de todas as pessoas humanas.²⁸

Acabámos de falar no poder criador da pessoa como expressão do exercício da liberdade pessoal. Já realçámos, atrás, que o nosso pensador fundamentava teologicamente a pessoa humana na criatividade divina –a pessoa humana, para Manuel Patrício, é dotada de capacidade criativa, se não, certamente, da capacidade criativa de Deus, é-o de capacidade criativa semelhante à de Deus. Então, se Deus criou o Mundo do Nada externo à Sua Pessoa, assim proclamando o ser sobre o não-ser, também o Homem, que se torna pessoa criando à semelhança de Deus, proclama o ser sobre o não-ser que é o Nada externo a si sempre que produz cultura, que é este o outro modo patriciano de dizer criatividade humana. A pessoa humana, então, porque cria, afirma-se contra o anti-valor pedagógico do niilismo. Está, pois, inscrita na pessoa humana, a impossibilidade ontológica (leia-se ôntica e lógica) do niilismo, precisamente porque faz “... parte da essência do homem (...) o poder criador (...). Cuidar do poder criador do homem (...) é (...) atender ao próprio cerne do humano...”²⁹.

²⁸ Idem, “Educação, valores e vocações”, p. 93.

²⁹ Cfr. idem, “Por uma escola centrada da aprendizagem e ordenada para promover o poder criador do Homem”, em idem (org.), Escola, Aprendizagem e Criatividade, Porto Editora, Porto, 2001, pp. 243-244-

3. A Escola Cultural

3.1. Argumentos a favor da axiologicidade da Escola Cultural

Na economia do pensamento patriciano, o modelo da Escola Cultural, porque nele se encontra reflectido, pelo prisma axiológico, o carinho e respeito pela pessoa humana enquanto ser criador de cultura, realiza, na dimensão escolar, naturalmente, a Pedagogia Cultural Personalista.

Alguns argumentos apresenta o autor em prol desta sua convicção, começando por admitir que, ao modelo da Escola Cultural, “Subjaz (...) uma concepção personalista...”³⁰, porque é ao serviço “... do sujeito real da educação [que] é a pessoa: tanto na sua universalidade humana como ³¹na sua unicidade concreta...” que ela está. A Escola Cultural, por outro lado, ao encarar axiologicamente a cultura, entende-a como “... um mundo de valores, um sistema vivo de valores...”³². Mais: a Escola Cultural encara a cultura “... como a real substância do processo educativo...”³³ da pessoa. Logo, e é mais um argumento, a Escola Cultural vê a educação como um “... um processo substantivamente (...) cultural...”³⁴, o que, tendo em conta o entendimento axiológico da cultura que a Escola Cultural perfilha, equivale a dizer que, nela, a educação da pessoa é um acto axiológico e, na medida em que ela, Escola Cultural, á Escola, ou seja, instituição de formação global, é também “... escola axiológica integral...”³⁵.

Patrício refere, ainda, como argumento justificativo da integralidade axiológica da Escola Cultural, o respeito que esta nutre e pratica, quer pela pessoa enquanto ser universal, mas situado, “... universal concreto...”³⁶ nas próprias palavras do autor, quer pela “... natureza íntima (...) da situação do educando...”³⁷.

A liberdade, por fim, é o mote para o último e, em nossa opinião, mais importante argumento a favor da visão da Escola Cultural como Escola Axiológica,

³⁰ Cfr. idem, “A Escola Axiológica”, em idem (org.), *A Escola Cultural e os Valores*, Porto Editora, Porto, 1997, p. 34.

³¹ Ibidem.

³² Ib..

³³ Ib..

³⁴ Ib..

³⁵ Ib., p. 35.

³⁶ Ib..

³⁷ Ib..

sobretudo se tivermos em conta o que atrás se deixou escrito sobre a liberdade pessoal enquanto escolho ao totalitarismo pedagógico. Ouçamos o nosso filósofo:

...a escola cultural é axiológica na sua essência pela radical vinculação ao princípio da liberdade, ao entendimento desta como valor matricial do humano e ao entendimento da autonomia como valor matricial da própria liberdade, como a liberdade da liberdade...³⁸

3.2. Organização pedagógica da Escola Cultural

A própria organização pedagógica projectada no modelo da Escola Cultural realiza a pedagogia fundamental cultural/axiológica personalista de Manuel Patrício. Realiza-a em qualquer dos quatro pilares que a sustentam: no currículo, no extracurrículo, na interactividade entre ambos e na atmosfera ou ambiente humano próprio de uma escola organizada culturalmente.

O pilar curricular é, ele mesmo, para o nosso pensador, “... um manancial axiológico riquíssimo...”³⁹, já no sentido auto-curricular, já no sentido meta-curricular. Na Escola Cultural, quanto ao currículo propriamente dito, o auto-curriculo, os seus conteúdos denotam já a *res strenua*, pois a sua eleição foi um fruto do seu valor instrumental e/ou formativo –“Os próprios conteúdos devem ser escolhidos pelo seu valor instrumental, pelo seu valor formativo, ou por ambos...”⁴⁰. Quanto ao meta-curriculo, ele induz o educando a uma “... consciencialização axiológica...”⁴¹, na medida em que os alunos reflectem sobre os dados do saber que o auto-curriculo lhes colocou à disposição.

O pilar ou dimensão extracurricular da Escola Cultural tem a sua face visível nos clubes escolares. É nesta dimensão que Patrício encontra de modo mais completo a realização da vocação, essa qualidade essencial da pessoa humana que, na nossa análise, opusemos ao anti-valor pedagógico do neutralismo. Realiza-se, no clube escolar, a vocação pessoal, porque o aluno, ao determinar autonomamente, por sua

³⁸ Ib..

³⁹ Idem, “Educação, Valore e Vocações”, p. 106.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ Ib., p. 107.

própria e livre escolha, o clube em que se quer inserir, realiza, de facto, uma opção por aquilo –o jornalismo, o teatro, o desporto...- a que ele dá valor, precisamente porque é aquilo que o realiza como pessoa:

A criança ou jovem que decidem integrar-se num clube escolar (...) realizam com essa decisão um acto de preferência indiscutivelmente axiológico o que escolhem é muito valioso para si. O professor ou o animador só têm que estar pedagogicamente à altura dessa escolha, organizando e orientando competentemente os trabalhos. A raiz motivadora é aqui mais forte que no caso da dimensão curricular: a área de actividade educativa não é imposta de fora, mas livremente escolhida a partir das entranhas vocacionais do educando.⁴²

O terceiro pilar da Escola Cultural, a interactividade entre dimensão curricular e dimensão extracurricular, no pensamento do professor eborense, abre, uma à outra, a actividade do clube e a actividade lectiva, e abre as duas ao meio envolvente, tornando-se, pois, a interactividade, num “...factor poderoso de expansão de valores...”⁴³

É precisamente esta expansão –Patrício também usa o termo irradiação-, e já estamos no quarto pilar, a atmosfera, é esta expansão, escrevíamos, que cria, em cada escola organizada segundo o modelo da Escola Cultural, uma atmosfera, um ambiente humano-pedagógico de comunhão só constatável na e “... pela experiência vivida de uma escola que tenha conquistado essa atmosfera...”⁴⁴, atmosfera esta que ultrapassa os muros do edifício escolar, contagiando já não só a comunidade escolar, como a comunidade envolvente e, ultimamente, a própria sociedade. De onde que o nosso autor conclua que a Escola Cultural, Escola Axiológica integral, recorde-se, esteja ao serviço da cultura e, portanto, dos valores da sociedade: “É preciso, talvez, afirmar mais claramente do que se tem feito –e agora à luz dos valores- que a Escola Cultural está ordenada desde o seu âmago para a Sociedade Cultural.”⁴⁵.

⁴² Ib..

⁴³ Ib., p. 108.

⁴⁴ Ib..

⁴⁵ Ib., p. 109.

3.3. O Professor da Escola Cultural

Trave mestra da substancialidade axiológica da Escola Cultural é o seu professor. Professor axiológico ou cultural, assim o denomina e quer Manuel Patrício. Professor axiológico porque consciente de que “...educar é induzir experiências e atitudes axiológicas...”⁴⁶. Professor cultural só poderá educar axiologicamente quem estiver em superior situação de enriquecimento cultural relativamente ao educando, de onde que a questão da formação de professores para a Escola Cultural assuma particular acuidade no pensamento do nosso autor. Ela é mesmo, diríamos, a pedra filosofal para compreensão do perfil funcional, socioprofissional e cívico-intelectual do professor cultural/axiológico.

Manuel Patrício entende, desde logo, que os futuros professores culturais terão de ser seleccionados de entre os mais capazes candidatos ao ensino universitário e não de entre os que caíam na formação para a docência apenas por recurso:

Não há coerência nenhuma em fazermos o discurso da prioridade da educação e recrutarmos depois os futuros docentes de entre alunos mal preparados e com uma vocação profissional de recurso. (...) o recrutamento dos alunos destinados ao magistério tem de procurar atrair os melhores, corrigindo drasticamente a situação actual.⁴⁷

Admitindo como modelo de formação o denominado modelo integrado, independentemente da sua modalidade (horizontal ou vertical), Manuel Patrício, porém, fixa em quatro as dimensões de formação a integrar: 1) formação científica da especialidade, 2) formação pedagógica e didáctica teórica, 3) formação prático-pedagógica, 4) formação pessoal cultural. Tendo em conta a postura pedagógico-cultural-personalista do nosso pensador, não nos admiraremos que este quarto e último nível seja por ele considerado “... a envolvente e mesmo a substância de toda a formação (...) que deve ser deliberadamente realizada desde o primeiro ao último

⁴⁶ *Ib.*, p. 109.

⁴⁷ Cfr. *idem*, “Visão prospectiva do professor para os anos 2000”, em *idem* (org.), *Formar professores para a Escola Cultural no horizonte dos anos 2000*, Porto Editora, Porto, 1997, p. 69.

dia...⁴⁸.. Aliás, esta encomiástica da formação pessoal cultural do professor da Escola Cultural, corresponde, vem na linha, em nosso entendimento, da defesa da ideia da maior abrangência e, conseqüentemente, prevalência, da formação axiológica sobre a formação ôntica e a formação ontológica de professores. Na realidade, recorrendo a terminologia metafísica e não pensando em concreto no modelo integrado de formação de professores, assim já magistralmente expusera o reitor eborense a sua geometria da formação e substancialidade axiológica do professor cultural:

Direi (...) que é possível educar, e conseqüentemente preparar os educadores, a três níveis: ao nível do ôntico, ao do ontológico e ao do axiológico. Ao primeiro nível a referência fundamental são as coisas, no seu simples ser-aí para serem utilizadas. Ao segundo nível a referência fundamental é o ser das coisas e, na sua altura suprema, o ser como tal. Ao terceiro nível a referência fundamental é o valor das coisas e, superiormente o valor de ser.

Penso que o primeiro nível está contido no segundo e o segundo no terceiro. Portanto, o que se deve visar para (...) os educadores (...) é o nível elevado, o nível axiológico. Temos necessidade de preparar professores competentes ao nível do ôntico, mas competentes também, e em círculos compreensivos de diâmetro crescente, ao nível do ontológico e ao nível do axiológico. O professor (...) cultural é aquele que possui os três diâmetros dos três círculos concêntricos. Nos conteúdos mais simples, e aparentemente mais ônticos, este professor projecta a integridade tridimensional da sua competência⁴⁹.

⁴⁸ Ib., p. 70.

⁴⁹ Cfr. idem, A Escola Cultural: horizonte decisivo da reforma educativa, 2ª ed., Texto Editora, Lisboa, 1993, pp. 160.161.

Conclusão

Uma primeira conclusão a retirar do que foi exposto é a de que Manuel ferreira Patrício concebe a educação como processo substancialmente axiológico e cultural. Olhando por esta perspectiva para o fenómeno educacional, o nosso autor professa, podemos concluí-lo, uma pedagogia de enquadramento culturalista e espiritualista e, até certo ponto, também devedora da Educação Nova, e de origem judaico-cristã.

Na verdade, na análise que faz das pedagogias axiológicas, o professor eborense denota, em nosso entender, uma maior proximidade com as correntes culturalista e espiritualista e, parcialmente, para com a Educação Nova. Também, é certo, porque ele abertamente o afirma, que é à tradição judaico-cristã, logo aos primeiros versículos da Bíblia, que Patrício vai ligar a importância e dignidade do conceito de pessoa que defende: ela é ser criador, à semelhança de Deus. Pode-se concluir, então, que o criacionismo judaico-cristão, como fundamento sólido, como rocha firme, e as pedagogias Cultural dos Valores e dos Valores Espirituais (e, em parte a pedagogia do movimento da Educação Nova) como envolvência, formam o meio no qual germinou e cresceu a Pedagogia Cultural Personalista patriciana.

Outra ilação: em oposição à sua Pedagogia Fundamental, coloca o nosso autor as pedagogias totalitaristas, neutralistas e niilistas, precisamente porque cada uma destas pedagogias atenta, a seu modo particular, contra o ser humano elevado à dignidade de pessoa pela sua semelhança com Deus. O totalitarismo fere a autonomia e a liberdade pessoais. O neutralismo abomina a eleição e defesa de valores que consumam a vocação pessoal. O niilismo tenta destruir o poder de criar próprio da pessoa humana.

Final conclusão: a Escola Cultural é fruto da Pedagogia Cultural Personalista de Manuel Patrício. Poderá não ser, e certamente não é, o único fruto desta Pedagogia. Mas é um dos seus frutos, pelas seguintes razões: porque é axiológica, como ficou demonstrado; porque, mesmo ao nível da sua organização, respeita a pessoa humana que o aluno é; porque os seus professores são professores culturais/axiológicos, dotados de uma componente de formação pessoal cultural; porque não se esgota nos seus limites físicos, antes irradiando a atmosfera que lhe é própria para a comunidade em que está inserida, assim se colocando ao serviço da Sociedade Cultural; porque, em suma, vale como meio para a formação da pessoa humana.

Bibliografia

- .- Patrício, Manuel Ferreira, “A Escola Cultural: sua natureza, fins, meios e organização geral”, em Comissão de Reforma do Sistema Educativo, *Documentos Preparatórios I*, Ministério da Educação, Lisboa, 1987

- .- Idem, “Educação, valores e vocações”, em AA.VV., *Educação Pluridimensional e Escola Cultural: Actas do I Congresso da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural*, AEPEC, s/l [Évora], 1991.

- .- Idem, *A Escola Cultural: horizonte decisivo da reforma educativa*, 2ª ed., Texto Editora, Lisboa, 1993

- .- Idem, *Lições de Axiologia Educacional*, Universidade Aberta, Lisboa, 1993

- .- Idem, “A Escola Axiológica”, em idem (org.), *A Escola Cultural e os Valores*, Porto Editora, Porto, 1997

- .- Idem, “Visão prospectiva do professor para os anos 2000”, em idem (org.), *Formar professores para a Escola Cultural no horizonte dos anos 2000*, Porto Editora, Porto, 1997, p. 69.

- .- Idem, “Por uma escola centrada da aprendizagem e ordenada para promover o poder criador do Homem”, em idem (org.), *Escola, Aprendizagem e Criatividade*, Porto Editora, Porto, 2001

- .- Idem, “A Escola Cultural. Uma resposta à tensão globalização-diversidade”, em idem (org.), *Globalização e Diversidade: a Escola Cultural, uma resposta*, Porto Editora, Porto, 2002